

Uma Lição

por
Aluísio Azevedo

Era uma saleta ao lado de uma sala de jantar; ao fundo um reposteiro corrido com ares burocráticos; ao centro uma banquinha de charão, conspurcada de cinza de charuto e nicotina diluída em saliva. É noite e a luz que vem de cima, transbordando de um globo de gás, ilumina o grupo de três velhotes, mais ou menos barrigudos, que conversavam em voz baixa e com voluptuoso interesse.

Um deles acabou de contar alguma coisa que ainda faz rir aos outros dois. E, tal é o riso, que os três amigos, segurando cada qual a competente barriga com ambas as mãos, deixam-se cair para as costas do sofá e arfam ao som uniforme da mesma gargalhada.

– Ora o Silveira ... Ora o nosso Silveira!... dizia um, aproveitando as curtas intermitências da hilaridade. Não sabia, desembargador, que você em rapaz fora tão levado! Ora o demo!

O desembargador, limpando as lágrimas do riso, ia talvez contar mais alguma das suas, quando o terceiro velhote segredou ao grupo:

– Homem, deixe lá falar! todos nós pagamos o nosso dízimo ao diabo! Aqui onde me veem, pai de dois filhos homens, avô por aí naturalmente, e em vésperas de conselheiro do Estado; eu, acreditem, também tive as minhas rapaziadas...

Estas palavras acalmaram, como por feitiço, o riso dos outros dois, que se voltaram para quem as pronunciou, já dispostos a saborear a nova anedota.

– Uma ocasião – isto vai há coisa de uns trinta anos – principiou o quase conselheiro; uma ocasião, recolhi-me para o meu quarto de estudante, um pouco apressado pelo mau tempo, quando dou com uma rapariga muito hem parecida, que vinha em sentido contrário e sem guarda-

chuva.

Instintivamente parei defronte dela. O demônio da pequena tinha uns olhos!... Parei e logo em seguida retrocedi, acompanhando-lhe o passo.

Ela não deu resposta.

No fim de três minutos acrescentei:

– Por que não aceita o meu chapéu?... Não posso ver uma dama apanhar chuva deste modo!

– Obrigada, volveu ela, sem me voltar o rosto.

E apressou o passo.

– Ingrata!

E apressei o passo também.

– Mau! exclamou a perseguida, estacando em frente de mim e desferindo-me um olhar, tão sobranceiro, imponente e tão digno, que eu abaixei as pálpebras e pedi-lhe perdão com um gaguejo.

– Não tive intenção de a magoar... disse. V. Ex.^a apanhava chuva e entendi que era do meu dever oferecer-lhe uma parte do meu chapéu.

– E se eu fosse para muito longe?...

– A verdadeira cortesia não olha distâncias!...

Ela, ao que parece, compreendeu a sinceridade das minhas palavras, porque interrogou logo, desfranzindo o rosto:

– Foi então por mera delicadeza que...?

– Juro-lhe que sim, minha senhora. Uma vez, porém, que V. Ex.^a se julga ofendida, peço-lhe mil perdões e sigo de novo o meu caminho...

Nisto, uma formidável rajada de vento passou por entre nós, e a chuva recrudescceu tempestuosamente.

– E, para provar que não minto, acrescentei, entregando-lhe o chapéu, tenha a bondade de levá-lo, e depois mo restituirá...

– E o senhor?...

– Ali! Eu moro muito perto, naquele sobrado de alugar cômodos. V. Ex.^a fará o obséquio de remetê-lo para o n.º 5. Aqui o tem.

Ela consultou o tempo, mediu-me de alto a baixo e depois, tomando uma resolução, disse:

– Não! dê-me o seu braço e acompanhe-me ao canto da rua. Talvez apareça um carro.

Mal, porém, avançamos alguns passos, por tal forma recresceu a chuva, que era quase impossível prosseguir.

E esta?... resmungou ela, muito contrariada. Esta só a mim sucede!... A maldita chuva aumenta, e nada de aparecer um carro!...

Ao chegarmos à esquina, tivemos de parar defronte da grande enxurrada que cortava a rua. Não era possível ir mais adiante. De carro, nem sinal! As casas fechavam-se todas, se bem que não passasse de nove horas da noite; os relâmpagos repetiam-se num bruxulear elétrico, os trovões abalavam os prédios e faziam tremer os vidros gotejantes dos lampiões. Já ninguém se animava a afrontar o tempo; os próprios cães escondiam-se pelos batentes das portas trancadas.

E o meu belo par, muito impaciente, mordida os beiços e marcava compassos, espaçando a lama debaixo dos pés, sem dar palavra.

Eu também não dava.

Entretanto, não podíamos ficar ali: a peste da chuva crescia... crescia...

Em breve teríamos água até ao meio da canela. De vez em quando passava um carro, mas ao longe, com as rodas a levantar água, como as de um vapor.

– E agora?... perguntou-me a desconhecida, com raiva.

Eu sacudi os ombros.

Decorreu mais um instante.

– Se V. Ex.a quisesse...

– Quê?

– É verdade que não tenho mais do que um pobre quarto de estudante, todavia...

– Entrar numa república?... Ora!...

– Perdão! Não é uma república, minha senhora. Moro naquele sobrado; casa muito séria, ocupo um quarto da frente, e...

– Que não pensariam seus companheiros!

– Moro só, V. Ex.^a não seria vista, nem desacatada por ninguém...

– Ainda assim seria estúrdio!...

– Em todo o caso, sempre me parece mais razoável do que ficar aqui, com este tempo!... A chuva não durará toda a noite... eu poderia arranjar um carro, e...

– Diga-me uma coisa: O senhor dá-me a sua palavra de honra em como será cavalheiro?

– Oh! minha senhora!...

– Jura que se portará condignamente comigo?... Jura que não me faltará ao respeito?...

– Dou-lhe minha palavra de honra!

– Bem. Aceito o seu convite. Estou certa de que o senhor não quererá desmerecer da confiança que me inspirou! E vamos, vamos que já me sinto resfriar até aos ossos!

Dei-lhe de novo o braço e voltamos ambos por onde tínhamos andado.

Na ocasião em que eu acendia a vela que costumava ficar atrás da porta da rua, a senhora ainda insistia, cravando-me um olhar muito sério!

...

– O senhor promete então quê ...

– Pode entrar descansada, minha senhora!

E as nossas duas sombras estenderam-se juntas pelo fundo esvaziado de corredor.

Chegamos ao primeiro andar, abri meu quarto, dei luz ao gás, ofereci uma cadeira à bela hóspede e fui buscar a um canto uma garrafa.

– Acho que V. Ex.^a fará bem em tomar uma gota de *cognac*... propus, enchendo dois cálices. Está frio e talvez V. Ex.^a sinta os pés molhados.

– Não, os pés estão enxutos; trago galochas. Mas aceito.

Bebido o *cognac*, a senhora começou a correr com os olhos uma silenciosa revista no aposento. Em seguida ergueu-se e foi, um pouco apavorada, contemplar de perto o meu esqueleto de estudo, que jazia pendurado ao fundo do quarto; depois encaminhou-se para a minha pequena mesa de trabalho, abriu os compêndios que ali estavam, fez uma careta de indignação à vista das gravuras de um tratado de fisiologia, que lhe caiu às unhas; e ficou muito espantada encontrando sobre o criado-mudo um revólver e um carregamento de balas inglesas.

– Isto então é o que se chama uma república?... perguntou afinal, abrangendo com um gesto o que seus olhos lobrigavam.

E depois da minha resposta:

– Mora inteiramente só?!

– Inteiramente.

– E tem família?

– Em Minas.

– Ah! É da província. Está há muito tempo na corte?

– Há cinco meses.

– Apenas?...

E aproximou-se de mim.

– É exato, disse eu. Ainda não conheço bem isto por aqui...

– Tem gostado?

– Nada posso dizer por enquanto. Minha vida tem sido tão pouco divertida... Saio de casa para as aulas, das aulas para o restaurante e do restaurante para casa. Ainda não tenho amigos...

– Deve então sentir muita saudade da família...

– Pudera! Vivi sempre em companhia dela, e agora, de um momento para outro, ficar assim tão só.. tão...

– Por que não mora com outros estudantes?

– Ainda não descobri um bom companheiro... Além disso, sou mesmo um pouco esquisito de gênio. Prefiro estar só.

– Ah! Mas há de ter algumas relações...

– Muito poucas, e essas poucas em consideração a meu pai.

– E por que não frequenta os teatros?

– Vou de vez em quando. Não posso perder noites seguidas: quero ver se faço dois anos em um só.

– Ah! é estudioso!...

– Não sou dos mais vadios...

– Bom será que continue assim. Esta cidade é muito perigosa para os rapazes...

– Ora! não é tanto como se diz... Eu, pelo menos, confesso que supunha outra cousa!... Sempre imaginei gozar no Rio de Janeiro uma vida mais

divertida...

– Em que sentido?

– Em todos. A respeito de amores, por exemplo, sou de um caiporismo!...

– Creio que levantou o tempo!... observou a senhora, afastando-se de mim escrupulosamente e lançando o olhar para a janela.

Eu supliquei perdão com um gesto de ternura e humildade.

– Tenha a bondade de ver se levantou o tempo, exigiu ela batendo com o pé.

– Chove a cântaros! Ah! mas pode ficar tranquila, que eu sei respeitar a quem o merece.

Ela deixou-se cair numa cadeira, soltando um suspiro de resignação.

– V. Ex.a toma uma xícara de café?... perguntei, indo buscar a máquina e a garrafa de espírito de vinho.

– Não se incomode por minha causa.

– Costumo fazer café todas as noites.

– Nesse caso...

– Tenho também requeijão e doce. Se V. Ex.a quisesse... O que nos falta aqui é pão!

Ela sorriu à simplicidade destas palavras.

– E estou quase aceitando... respondeu já de bom humor, e vindo assentar-se perto da mesa, depois de tirar o chapéu e o mantolete.

– Bem. Vou num instante arranjar o que falta!...

– Com este tempo? Não! não consinto!

– É um momento! Não me molho! Há uma confeitaria na esquina! Ora! quantas vezes não tenho feito o mesmo com tempo ainda pior!...

Ela tornou a sorrir.

– Quer ver?... perguntei, lançando sobre a cabeça uma grande capa de borracha, sacando as botinas e as meias e enrodilhando as calças nos joelhos. De um pulo estou lá e de outro cá!

Ela soltou uma risada.

Voltei daí a meia hora, não com os pães simplesmente, mas também com uma empada de camarões, uma galinha assada, alguns pastéis de Santa Clara, duas garrafas de Borgonha e outra de moscatel de Setúbal.

– Que é isto, Nossa Senhora! exclamou a moça, largando o livro, que ficara a ler durante a minha ausência.

– Pareceu-me melhor cearmos juntos... Eu estou com tanto apetite!

– Que extravagância! Por isso é que vocês estudantes andam sempre atrapalhados no fim do mês!... Se esbanjam a mesada logo nos primeiros dias!...

– Mas eu faço nisto tanto gosto... Espero que V. Ex.^a aceitará uma asa desta galinha, que me parece deliciosa. Vamos! arranja-se a mesa aqui mesmo.

– E eu posso ajudá-lo, declarou a senhora, afastando os meus livros e os meus papéis para um canto do quarto.

– Tenha a bondade de não segurar o tinteiro desse modo. Está quebrado...

– Estes estudantes! Ainda chove muito lá fora?

– Chih! horrorosamente! Um dilúvio!

– E eu aqui!...

– Não terá motivos para arrepender-se, verá! Bom! agora, faz favor? Dê-me aqueles embrulhos que eu trouxe.

– Pronto!

- Obrigado.
- Três garrafas! -... Para que tanto vinho?
- Fica aí, se sobrar.
- Vocês!
- Muito bem! O diabo é que só temos um talher... Ah! posso arranjar-me com esta espátula e este canivete. Felizmente há dois pratos e não faltam copos. Principiemos!
- Isto contado não se acredita!
- Não sei onde esteja o mal!... Creio que não praticamos até agora nenhuma ação feia...
- Não digo que haja mal, nem que praticássemos ações feias, mas parece-me extraordinário, imprevisto pelo menos, achar-me neste momento ceando ao lado de um rapaz, que eu há duas horas não conhecia...
- Rapaz que procura merecer essa honra, esforçando-se para cumprir com os seus deveres de cavalheiro...
- O senhor como se chama?
- João Carlos do Souto. E a senhora?
- Não lhe posso dizer. Compreenderá que...
- Está claro, e não insisto.
- Espero mesmo que se algum dia nos encontrarmos noutra lugar, o senhor guardará toda a discrição sobre estas casualidades de hoje...
- Oh! certamente, minha senhora!
- Sim, porque afinal de contas não me pesa na consciência o que sucedeu... Se não fosse esta maldita chuva!...
- Diga antes: esta chuva abençoada... 1

– Mau! Não vá por esse caminho, que vai mal! nada de galanteios!...

– Já aqui não está quem falou!

E calamo-nos os dois por um instante, a mastigar em silêncio, enquanto lá fora o vendaval esfuziava contra as janelas.

– V. Ex.a bebe tão pouco... não gosta de Borgonha?

– Gosto, e este me parece bem bom, mas não convém abusar. O senhor já tomou quase uma garrafa!... Cuidado!

– Ora, este vinho é inocente!

– Fie-se nisso!

– Quer mais um pouco?

– Vá lá!

– Além de que a chuva não parece disposta a parar tão cedo... Ainda sente muito frio?

– Já vai passando.

– Está aborrecida?

– Não. E a graça é que me chegou o apetite... Quer saber? vou repetir a empada!

– É tão bom comer em companhia, não é verdade? E agora, são bem poucas as vezes em que eu não como sozinho!... Isto para quem estava acostumado com família!... Por meu gosto, casava-me...

– Já tem noiva?

– Qual!

– Podia ter deixado alguma na província...

– Ninguém me quer...

- É porque ainda é cedo; quando chegar a ocasião...
 - Estarei velho...
 - Velho? tem graça. Que idade é a sua?
 - V. Ex.^a não acredita. Dezoito anos.
 - Só?
 - Mostro ter mais, não é?
 - Parece ter vinte e tantos. Mas está criança; eu sim é que me posso chamar velha...
 - Tem vinte, aposto!
 - Acrescente mais cinco.
 - Vinte e cinco... Ninguém dirá.
 - E então que idade represento?
 - Aí dezoito, quando muito...
 - Lisonjeiro...
 - Afianço-lhe que não sou...
- E, com o pretexto de servir-lhe o doce, fui aproximando a minha cadeira da sua.
- Quê... Pois o senhor ainda vai abrir essa terceira garrafa?...
 - Não nos havemos de servir de Borgonha para o doce...
 - Não lhe faça mal!...
 - Qual! Sou de cabeça muito forte!
 - Então, à sua saúde!

- Obrigado. Toque!
- Sim; mas não precisa chegar-se tanto
- Eu não me estou chegando...
- Deixe-se disso! Lembre-se do que me prometeu!...
- Tem razão. Desculpe, e bebamos à saúde do feliz mortal que possui o seu coração...
- Não sei quem seja, mas acompanhado. Passe-me aquele queijo.

Em vez do queijo, o que lhe passei foi o braço em volta dos quadris, chamando-lhe a cabeça para junto dos meus lábios.

- Mau, mau, mau! exclamou ela, defendendo-se. O senhor parece que bebeu demais! Já não estou achando muita graça!
- Não são os vinhos que me embriagam... A senhora bem o vê.
- Não quero ver coisa alguma...
- Então, bem o sente...
- Não sinto nada!
- Adivinhe então, minha senhora, adivinhe o que não tenho ânimo de dizer, meu anjo!
- Ora bolas! Isso já passa de desaforo! solte-me! Se eu desconfiasse disto, não tinha entrado!
- Que queres?... A gente nem sempre se governa em certas ocasiões! És tão bela! tão bela! eu te amo! Sim! eu já te amo, minha flor!

E, como acompanhasse estas palavras com uma gesticulação em extremo correlativa, ela ergueu-se de improviso e fez menção de sair.

Alcancei-a já na porta do quarto e caí aos seus pés, envolvendo-a nos braços.

– Perdoa, perdoa, minha santa! exclamara, a cobrir-lhe de beijos as duas mãozinhas, que nessa ocasião me pareciam mais bonitas, sem luvas.

– Perdoa! sou um bruto, sou um grosseiro, mas...

– Quero sair! Já! Não fico aqui nem mais um instante! Deixe-me! Deixe-me!

– Pois sim, mas hás de sair depois de haver perdoado! Juro que estou arrependido do que fiz!

– Não sei! Deixe-me!

– Oh! Ainda chove tanto! Espere ao menos que chegue o carro que mandei buscar pelo caixeiro da confeitaria.

– Um carro?...

– Sim, e não deve tardar. É mais um segundo! Um segundo apenas!

– Mas se o senhor está com tolices!

– Prometo não fazer nada!

– Jura!

– Juro!

– Ora, vamos a ver!

Acabamos de tomar café, quando a carruagem parou à porta.

– Ei-la aí! disse a tirana pondo-se de pé.

– Ainda chove... observei eu timidamente.

– Não faz mal!...

– Ao menos não se vá, fazendo de mim um juízo desfavorável, creia que...

– Não. Adeus. Não vou fazendo juízo algum! Adeus, obrigada!

– Jura que não está ressentida?...

- Pode ficar descansado. Adeus.
- Acredite que...
- Adeus!
- Não. Diga primeiro se ainda está contrariada! Com franqueza!
- Com franqueza – estou!
- Não me perdoa?...
- Não. Boa noite!

Acompanhei-a ao corredor e, já na porta da rua, ainda lhe pedi perdão.

* * *

Dois dias depois, entrando num hotel, habitado só por mulheres, fugiu-me da garganta um grito de pasmo:

- Que vejo?!... Pois é a senhora?! A senhora aqui?!

Ela soltou uma gargalhada e apontou-me com o dedo a três companheiras que lá se achavam.

- É o tal!...
- Ora esta!... resmunguei. Para que então me iludiu daquele modo?.
- Iludi! Ó filho, eu estava no meu papel, fazendo o que fiz; tu é que não estavas no teu acreditando! Quem te mandou ser tolo?...
- É boa! disse um dos velhotes. É muito boa!

E as três barrigas tornaram-se a agitar nas convulsões do riso.

www.rfp.org.uk

Obra sob domínio público.